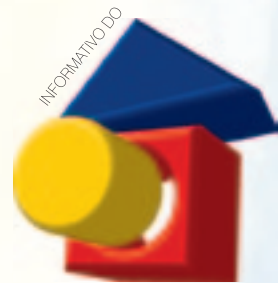


Lição de Casa



INSTITUTO EDUCACIONAL
CASA ESCOLA

Ano 4 | 6ª Edição | Dezembro de 2010



Alunos propõem melhorias para a rua João Alves Flor

Caminhos para um trânsito mais seguro

“O motorista precisa dirigir atento à sua própria segurança e à dos que estão em sua volta. Se ele faz alguma coisa errada, pode machucar outra pessoa”, afirma a aluna do 3º ano da tarde, Ana Lídia Moura de Lima. Esta e outras lições ela abstraiu do Projeto “Eu e o trânsito: rimando e transitando”. Orientados pelas professoras Louise Jar e Micheline de Oliveira, os alunos dos turnos matutino e vespertino fizeram pesquisas, entrevistas com várias pessoas e tiveram aulas de campo que os tornaram conscientes dos problemas e implicações do tráfego urbano de veículos.

Os estudos deram tão certo que as professoras decidiram adequá-los à Exposição Pedagógica, onde foram representadas as dificuldades e possíveis soluções para a rua João Alves Flor, onde está localizada a Casa Escola. “Vimos que a rua precisa de calçamento, semáforo, faixa de pedestre em frente à escola, estacionamento destinado a deficientes e

motos”, detalha o estudante Davi de Freitas. A partir das análises, foram construídas duas maquetes que representavam a João Alves Flor de hoje, com buracos e sem sinalização, e outra totalmente diferente, com todas as mudanças que os alunos desejam.

A professora Micheline avalia que o projeto foi positivo, pois ela acredita que a educação para o trânsito é o começo da mudança de atitude dos motoristas. “Tivemos a intenção de despertar nas crianças a consciência do que é certo e errado para que, dessa forma, elas possam ‘fiscalizar’ o comportamento dos pais na direção e também levar o aprendizado para o futuro”.



Depois de muita pesquisa, alunos vão às ruas verificar problemas do trânsito



Professora trabalha para ser reconhecida nacionalmente

Determinada, a professora Maria Patrícia Costa de Oliveira é um exemplo para quem acredita em sonho e se esforça para torná-lo real. Ela sempre almejou participar do prêmio Victor Civita, considerado o principal na área de educação no Brasil. Após desenvolver na Casa Escola, no ano passado, o projeto multidisciplinar “O rio Potengi não é lixeira”, com a turma do 2º ano, ela percebeu no trabalho um grande potencial para o concurso e resolveu inscrevê-lo na categoria Língua Portuguesa. Para tanto, pediu a ajuda da equipe e recebeu o apoio de imediato.

Como fruto de seu esforço, o projeto foi selecionado entre os 50 melhores em meio a 3.400 trabalhos inscritos de todo o Brasil. “O projeto ‘O rio Potengi não é lixeira’ recebeu muitos elogios dos examinadores, pois envolveu várias disciplinas e despertou a cidadania nas crianças, que entregaram nas mãos da prefeita de Natal um abaixo assinado solicitando medidas para acabar com a poluição do rio”, explica Patrícia, orgulhosa. Ainda segundo ela, a participação no projeto a incentivou a desenvolver outros trabalhos do mesmo nível e serviu para perceber que está no caminho certo. Patrícia pretende inscrever outro projeto no próximo ano e quer chegar aos 10 melhores do prêmio. Boa sorte, professora!



2

Nossos ex-alunos fazem bonito lá fora

Todo ano a mesma pergunta: "Como é que os alunos que saem da Casa Escola conseguem se adaptar à escola tradicional?" Tendo em vista que conhecemos bem os nossos alunos, tanto pelo nome como em suas especificidades, sempre nos foi possível manter a informação sobre o destino e desempenho de cada um que seguiu o seu caminho. É através do contato pessoal que temos recebido, constantemente, a boa notícia de que os nossos ex-alunos fazem bonito lá fora e que se evidenciam no modo de se posicionar perante o social, na forma de se expressar bem oralmente e principalmente ao se revelarem experts quando o assunto é escrita. Contudo, para irmos além dos depoimentos dos pais, resolvemos olhar adiante e travar uma pesquisa, na qual os ex-alunos, que agora se encontram na 1ª ou 2ª série do Ensino Médio, pudessem se colocar a respeito deste assunto.

A partir das respostas, vimos que a maioria revelou alguma dificuldade adaptativa sem denotar maiores preocu-

pações; no entanto, a maioria, em peso, se reportou sobre os seus estudos na Casa Escola de forma bastante positiva e saudosa. Para concluir, cabe ressaltar a importância de se continuar com essa pesquisa para os anos seguintes e, mais importante, validar as opiniões dos alunos, principalmente quando o que se diz pode nos levar a melhorar o nosso trabalho. Por isso, para 2011, vamos aprofundar o assunto da avaliação e manter acesa a chama da equipe para o aprimoramento, quando em 2010 isso já se realizou de forma bem intensa. O leitor poderá reconhecer um pouco sobre o nosso fazer aqui no Lição de Casa.

Boa leitura e, neste momento de finalização geral, desejo a todos um bom final de ano, com muitas comemorações e realizações futuras.

Com carinho,
Priscila.



Um pouco de terra na vida urbana

Os alunos do IECE têm um cantinho especial em que, desde cedo, entram em contato com a terra e acompanham a geração de uma vida. No viveiro, os alunos a partir do Grupo II plantam sementes de algum legume ou verdura escolhido pela turma e cuidam das mudas até que elas estejam grandes o suficiente para o consumo humano. "De início, alguns resistem a pegar no adubo, mas depois se divertem e cuidam das plantas com muito carinho. Após a colheita, as crianças podem levar o legume ou verdura para casa e também participam de uma aula de culinária na escola", detalha o responsável pelo viveiro, Francisco Lima do Nascimento.

Os estudantes maiores, por sua vez, têm contato com outras plantas que complementam na prática o estudo em sala de aula. O 2º ano, por exemplo, conhece de perto o girassol e o pé de milho verde, enquanto o 3º ano trabalha com plantas medicinais e confere a finalidade de cada uma especificamente. O 4º ano já tem uma responsabilidade maior, pois precisa cuidar do jardim de

toda a escola, e os alunos do 5º ano vêem algumas plantas históricas como a cana-de-açúcar, a macaxeira e a palmeira imperial.

De acordo com a diretora da Casa Escola, Ana Priscila Griner, a realização de atividades fora da sala de aula contribuem de maneira importante para a formação dos alunos. "Alguns dos projetos desenvolvidos no cotidiano escolar proporcionam o contato do estudante com experiências nas quais ele participa de forma ativa e isso é muito mais do que aprender. O aluno constrói internamente e socialmente conhecimentos que podem ser compartilhados, apropriados, utilizados em sua vida pessoal e na do coletivo. Este já é o exercício da própria cidadania", conclui.



Francisco acompanha de perto todo o plantio feito pelos alunos

A hora de falar sobre sexualidade

Casa Escola auxilia pais e prepara professores para responder questionamentos

A sexualidade é um tema que precisa ser discutido com crianças e adolescentes, independente da idade. Tudo começa com a clássica pergunta "como nascem os bebês?", que é feita cada vez mais cedo e sempre causa desconcerto nos pais. Para ajudá-los nesse momento, a Casa Escola promove discussões sobre o tema com o objetivo de orientá-los. "Tentamos desmistificar os questionamentos e mostramos aos pais que a melhor postura é tratar a sexualidade como um tema comum, falar com delicadeza e construir o conhecimento aos poucos", afirma a psicóloga da instituição, Juliana Ribeiro.

A escola também tem papel importante na discussão sobre sexualidade e, por isso, a Psicologia realiza treinamento com os professores sobre a melhor maneira de abordar o assunto em sala de aula. Juliana cita que o pontapé inicial é a partir do 1º ano, mas o trabalho pode começar em turmas mais novas de acordo com a necessidade. "Criamos rodas de conversas e explicamos que criança não namora, somente os adultos. Também falamos sobre outros temas pertinentes, mas os introduzimos em cada turma de maneira diferenciada, respeitando as idades e as convicções das famílias em geral", assegura a psicóloga.

Com os adolescentes, o assunto é abordado na matéria de Ciências, mas vai além da questão biológica. A Casa Escola procura abrir espaço para momentos em que eles discutem sobre sentimentos, diversidade sexual, homofobia, dentre outros valores que envolvem o sexo e os diferentes gêneros. "Ano passado, por exemplo, realizamos uma mesa redonda para falar sobre a sexualidade. Nosso objetivo é informar os adolescentes sobre o ato sexual e suas implicações, desenvolver a consciência e trabalhar de modo a formar cidadãos sem preconceitos", explica Juliana.



Alunos ganham medalhas na Olimpíada Brasileira de Astronomia

A Casa Escola participou pela primeira vez da XIII Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica - organizada pela Sociedade Astronômica Brasileira - e já conseguiu resultado expressivo, com seis alunos premiados na etapa Nordeste da competição, realizada em escolas públicas e privadas do país. Foram quatro medalhas de prata e duas de bronze recebidas por Lucas Mateus Nunes, Vinícius Nogueira, João Pedro Holanda, Paulo Vítor Chiriboga, Mariana Álvares e Luisa Maier Flores.

Os inscritos realizaram as provas no dia 14 de maio, na própria escola, e responderam questões discursivas sobre o tema que envolveu elementos existentes no espaço: constela-

ções, funcionamento de foguetes, planetas, tipos de energia, dentre outros. "A preparação para a competição uniu ainda mais os alunos, pois o conteúdo foi estudado por todos em sala de aula", explica o professor de Ciências da Casa Escola, Jorge Raminelli.

Todos os participantes receberam certificado e a escola ainda ganhou livros, pôster que inclui os novos planetas já cadastrados, material com desenhos de constelações, além de um planisfério móvel. O professor Jorge avalia que a participação na Olimpíada mostra o potencial dos alunos e serve de estímulo a outros que podem se inscrever no próximo ano.



Orgulhosa, a diretora Priscila comemora com os alunos o recebimento do certificado



Depoimento

Ser ex-aluno da Casa Escola é algo de que me orgulho contar para meus amigos. Isto, porque sou mais que satisfeito de ter participado dessa instituição e o que me ajudou a ser o que sou hoje; não só através de uma excelente formação estudantil, mas também me ensinando a crescer e a ter visão de mundo. Ajudou a construir meu interesse pela arte, como o teatro, a música, o desenho e a pintura, e fez tudo isso de modo bastante prazeroso. Pessoalmente, acredito que o verdadeiro diferencial de ter estudado na Casa Escola é que, junto aos estudos, aprendi bons valores; o que foi ensinado por cada professor, coordenador, diretor e funcionário. Ainda hoje, consigo notar essa diferença naqueles que foram meus colegas de Casa Escola."

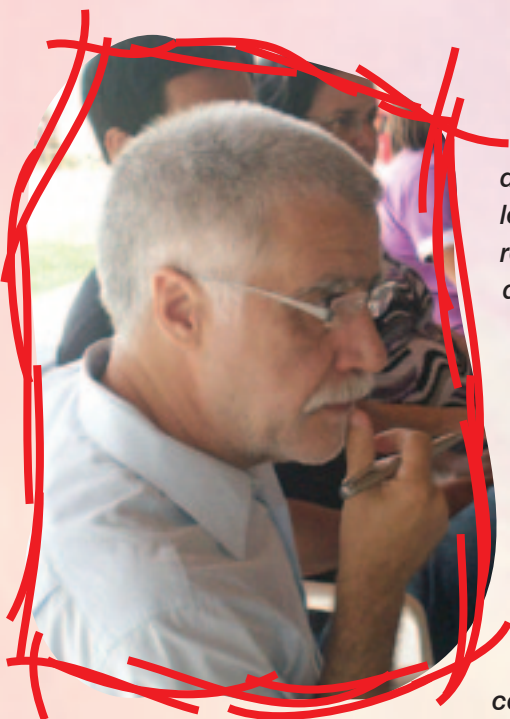


Mateus Tinoco, estudante de Designer na UFRN, ex-aluno da Casa Escola

4 **Entrevista:** Professor José Pacheco – fundador da Escola da Ponte em Portugal



Educador José Pacheco visita a Casa Escola e amplia os horizontes



“É preciso transver o mundo”. Talvez essa seja a motivação maior do professor José Pacheco, criador de uma concepção educacional que leva o estudante a aprender a pensar, ter visão crítica e principalmente refletir sobre suas atitudes diante do mundo. Sua visão na educação poderia pegar carona na poesia de Manoel de Barros, quando “só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro”. Seus princípios – adotados há quatro anos na Casa Escola – foram discutidos durante o encontro do Professor com o corpo docente do IECE, no dia 27 de outubro. Na ocasião, os professores trouxeram depoimentos positivos e inquietações para uma melhor construção do conhecimento dentro da escola.

Seu posicionamento sobre o que é ensinar e o que é aprender ganha força no método intitulado “Trabalho de projeto”. Para ele, os alunos precisam ter autonomia para aprender e, assim, apontam, selecionam e pesquisam os conteúdos que desejam estudar, num processo em que a escola, a família e a sociedade caminham juntas. “Não basta ter um bom conteúdo se não existe estímulo de aprendizado dentro da escola”, disse o professor. Um dos suportes deste pensamento toca na questão da responsabilidade do aluno, um legado para a vida inteira. Para falar sobre o projeto e o que mudou na realidade dos alunos da Casa Escola, Pacheco conversou com o Lição de Casa:

A filosofia que o senhor propõe é baseada na autonomia. Como funciona isso na prática?

Uma das qualidades que falta ao cidadão brasileiro é a autonomia. Todo o sistema educacional foi construído no controle e a sala de aula se tornou uma prisão. Esse modelo é defasado e não faz o educando pensar. Esse é o reflexo de mais de 30% de abandono do Ensino Fundamental no Brasil e mais de 100 milhões de analfabetos funcionais. Esse modelo não basta. É preciso ousar e adaptar maneiras em que os alunos percebam como é interessante aprender e estudar para a vida toda. E isso parte da autonomia e não da dependência ou subserviência do aluno que está ali. E para ter autonomia é preciso modificar o funcionalismo da escola e dar aos estudantes instrumentos para que eles sejam responsáveis por si e pelos outros que estão ao seu redor. E isso é possível através de projetos como os de Responsabilidades lançados na Escola.

O que mudou dentro da Casa Escola com a implantação da filosofia similar à da Escola da Ponte?

A percepção é que o aluno está mais voltado às responsabilidades e isso amplia os horizontes para a vida. Eles são estimulados a pensar, a desenvolver o conhecimento e não apenas a reproduzir ou copiar o conteúdo dado em sala de aula. E isso muda toda a perspectiva do ensino. O aluno sai da postura passiva e passa para a proativa.

O senhor poderia destacar algum exemplo importante destes princípios em sua trajetória?

Na Escola da Ponte, tive um aluno que amava os dinossauros. E mesmo depois que passou a febre dos dinossauros ele continuou a pesquisar. A escola percebeu a particularidade dele, e o interesse, e deu instrumentos para que ele alimentasse seu estudo. O que posso dizer como resultado é que hoje ele é um dos mais importantes arqueólogos da Europa.

